

Alicerçado na dor: Cólera-morbus na vila Maranguape. (1849-1862)

Dhenis Silva Maciel*

Resumo

Este trabalho objetiva analisar os acontecimentos políticos, religiosos e sociais ocorridos em Maranguape em meio à crise de *cólera-morbus* (1862). Após a fundação da vila e freguesia em 1843 e 1851 ocorrem mudanças no campo político com o advento de um novo grupo, e no simbólico com a mudança de padroeiro, sai São Sebastião e é empossada Nossa Senhora da Penha. A doença chega em meio a uma sociedade que estava se firmando e põe em cheque as certezas ainda recentes.

Palavras-chave: Epidemias – Medicina - Religiosidade.

Resumén

Ce travail objectif analyser les événements politiques, religieux et sociales présentes dans Maranguape dans moyen à la crise de « *chólera-morbus* » (1862) Après la fondation du village et de la clientèle en 1843 et 1851 se produisent des changements dans le champ politique avec l'avènement d'un nouveau groupe, et dans le symbolique avec le changement de patron, il sort Sain Sebastião et est installé Notre Dame du Penha.. La malade arrive en moin a une societé que il était si en affermir et met dans chèque les certitudes encore récentes.

Palavras-chave: Épidémies - Médecine – Religiosité.

“O anjo do extermínio paira sobre a importante, e hoje desolada villa de Maranguape (...) o presidente tem mandado médicos, enfermeiros e socorros, porém o mal zomba de tudo.”¹

O trecho citado trata da ação destruidora do cólera-morbo na, então, jovem vila de Maranguape. A doença, originária da região do rio Ganges, na Índia, foi responsável por uma das mais graves epidemias do século XIX. O cólera percorreu um longo caminho desde as sagradas e insalubres águas indianas até a borda da serra maranguapense. Percorreu continentes dentro dos navios mercantes. Através da água e alimentos contaminados, facilmente se espalhava em ambientes repletos de moscas e outros insetos, que funcionavam como vetores mecânicos do vibrião colérico, ou *Vibrio cholerae*. Neste caminho, chamava atenção pela “*rapidez, virulência e grau de mortalidade do seu ataque. Por onde passava, deixava um rastro de dez a quarenta por cento de mortos.*” (Acosta, Nikelen 2008)

Médicos, jornalistas, religiosos e políticos (muitas vezes, mais de uma dessas profissões, se entrecruzando em um único indivíduo) nos deixaram registros desse grave

¹ * Aluno do programa de pós-graduação em história social da Universidade Federal do Ceará.

□ Jornal *O Cearense* de 08 de julho de 1862.

momento da saúde pública cearense. O poder público se manifestou, ordens foram expedidas e cabe-nos buscar perceber se foram ou não concretizadas e quais as conseqüências dessas ações ou faltas delas.

Olhamos em especial para a vila de Maranguape por possuir especificidades próprias. Durante o período em que a peste assolou o vilarejo (1862), ele se encontrava, há cerca de dez anos, autônomo em relação à Fortaleza, pela Lei Provincial nº 553, de 17 de novembro de 1851, tendo ao mesmo tempo, recebido o direito de fazer-se como freguesia. Neste cenário, ocorreram várias disputas políticas e religiosas que culminaram com o erguimento do centro administrativo e religioso no outro lado do rio Pirapora, marcando a vitória de um dos grupos políticos. As querelas políticas resvalaram também no mundo do sagrado, mostra disto, o rebaixamento do antigo padroeiro São Sebastião para a elevação de Nossa Senhora da Penha.

Pensemos as transformações na estrutura física e política da vila não como uma série de duros fatos, objetivos, mas percebê-las subjetivas, arraigadas de simbologias. Segundo a súplica popular, São Sebastião era invocado como protetor da “peste, da fome e da guerra, *da morte repentina e do mal contagioso*.”[grifo meu] Apenas 11 anos após essas disputas, a cidade se encontra marcada pelo luto e pela dor, a quem apelar?

A ciência médica não possuía respostas firmes para a doença. As pessoas procuravam as outras artes de cura, que iam desde moscas torradas até moedas de cobre e inalações de enxofre². O sacerdote da vila, Padre Rodovalho, é morto pela doença, e seu sucessor, Pe. Galindo, não observava os preceitos do higienismo, invocava a todos para juntos suplicar pela suspensão do mal. A religião se põe como um caminho diante deste mal, seja com o intuito de curar, seja objetivando preparar a alma para a morte. Aqui se cruzam os pontos alvos dessa pesquisa: medicina, religião e política. As formas de poder e saber confluem diante de um mesmo problema. Sendo assim, analisemos como esta relação se dá e qual o papel que cada um destes setores, terá no combate do cólera-morbus em Maranguape.

Nossa análise só poderá ser feita a partir das fontes e mais ainda, de que olhar será direcionado a elas Déa Fenelon nos apresenta uma inquietação quanto ao cuidado analítico com as fontes, afirmando que “precisam ser desvendadas para delas extrair o não dito, as entrelinhas e aquilo que potencialmente permite olhares e leituras diversas.” (FENELON, Déa Ribeiro. 1993)

² As formas de cura popular estão presentes entre outros nosso textos de: SOUTO MAIOR, Mário, Folclore Etc. & Tal/Mário Souto Maior; prefácio de Eduardo Campos. - Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995. e TEÓFILO, Rodolfo, Violação, Tipografia Minerva, Fortaleza, 1898.

De formas gerais, as fontes que nos chegam do período da cólera-morbus na Vila de Maranguape, foram produzidas pro órgãos oficiais ou de vinculação partidária, então, nos tornando urgente a atenção às questões propostas pela história social para vermos os indivíduos nas entrelinhas destes documentos. Carlo Ginzburg nos alerta para a urgência deste cuidado em não deixarmos que a falta de uma análise documental nos bloqueie de ver as pessoas dentro desses contextos macro que são apresentados pelas fontes, pois segundo sua alerta –“corre-se o risco de perder a complexidade das relações que ligam um indivíduo a uma sociedade determinada.” (GINZBURG, Carlo. 1989) - Esse chamamento nos leva a refletir sobre a importância de historicizarmos os conceitos e opiniões apresentadas nos jornais que nos servem de fonte, predispondo-nos, sempre, a pensar essas fontes como obra de pessoas, e ponderar sobre essas pessoas dentro de contextos econômicos, políticos e sociais. E mais ainda, que nos conecte sempre a histórias de vida.

Estas palavras de Déa Fenelon também nos auxiliam, quando nos pomos diante das documentações oficiais, que tem habitualmente um discurso oficioso e seco, que não permite, *a priori* uma visão dos frutos de uma doença ou ação na vida cotidiana das pessoas atingidas por esta. Mas a lente da historia social nos possibilita ver para a além, procurando nas entrelinhas, marcas de homens e mulheres que vivem e que morrem, o que se torna muito mais possível se feito através de uma conexão entre fontes, as obras de cronistas, os textos literários e as cartas particulares publicadas nos jornais nos permitem visualizar a cidade doente pelo lado de dentro, e nos apresentam inquietações e sentimentos que são essencialmente humanos.

Portanto, é através do cruzamento dessas fontes que podemos iniciar a vislumbrar as explicações de mundo, que foram postas a baila em Maranguape durante a epidemia de 1862.

O momento calamitoso instiga por permitir a visualização de uma série de contatos entre as formas de saber e poder. As respostas para a cura foram buscadas em todos os locais possíveis. A análise detalhada de um único aspecto é deveras proveitosa, mas no caso da vila de Maranguape, faz-se mister a análise do contato entre os variados aspectos que a compunham.

Nosso problema se põe diante de um cenário composto por: nova vila, novo grupo, novo símbolo e novo espaço geográfico e logo na abertura de sua segunda década desse império de novidades é solapado pela violência da peste vinda da Índia. Políticos e médicos desesperam-se por não saberem qual o tratamento adequado a ser prescrito. Não esqueçamos que sobrenatural e natural caminhavam juntos. Mas o grupo político que assumira o poder se

consolida deixando de lado o culto a São Sebastião (símbolo do antigo grupo), e, além disto, o próprio vigário cai prostrado diante da doença: é preciso que alguém faça algo...

Vislumbra-se como pano de fundo o processo de formação da cidade, dentro dos conflitos nos campos já citados. Diz-nos Barão de Studart, em seu *Datas e Fatos para a história do Ceará*, no dia 04 de Agosto do ano de 1849: “a capella de Maranguape é elevada à Matriz por lei provincial desta data”(STUDART, Guilherme. 1896). Este fato simboliza o reconhecimento do poder provincial ao desenvolvimento da povoação que era local propício à produção de café, tão apreciado internacionalmente e produzido próximo da capital da província, dando fácil acesso ao escoadouro naval e barateando os custos de traslado. A povoação desponta como um centro produtivo exportador e abastecedor da capital.

A constituição da nova vila se faz junto da construção da nova freguesia. Elevada à matriz, a capela localizada no bairro da Outra Banda, não possuía condições físicas para desempenhar o papel, pois a nova freguesia era composta por “parte da antiga freguesia de Mecejana e de parte da de São José da Fortaleza” (MARQUES, Alfredo, 2006). Para tamanho território e contingente de fiéis, a matriz deveria ser reformada. Não esqueçamos a questão simbólica, pois a elevação marca um ganho de poder, e a matriz tem a função de externaliza-lo. A questão da capela desperta o primeiro conflito demonstrativo das transformações em andamento, como diz Alfredo Marques: “*A idéia dividiu os habitantes do povoado, uns desejando que a nova Capela fosse edificada no local da que já existia e outros lutando para que o templo fosse construído no local onde hoje se encontra a Matriz.*” (MARQUES, Alfredo, 2006).

A divisão foi polarizada por dois grupos políticos, que, também podem ser considerados religiosos. De um lado os produtores de cana que queriam a permanência do local da matriz e da devoção a São Sebastião, de outro o novo grupo político dos cafeicultores, queria mudar o local da matriz e a devoção para Nossa Senhora da Penha. A orientação do grupo vencedor era esta, mas bem sabemos que, na prática, os grupos populares não seguem totalmente orientações impostas. Seria, então, possível pensar que não tenha havido um abandono total do culto ao antigo santo padroeiro?

Vencem os novos líderes. A sede da Casa de Câmara e Cadeia e a Matriz da freguesia de Nossa Senhora da Penha, são construídas na margem sul do rio Pirapora. A nova sede da vila tem ruas retas e arborizadas. O cemitério fica distante do grande centro (do lado oposto do rio, lado do grupo perdedor), tudo dentro da cartilha higienista. É em meio ao advento dessa nova e próspera vila que chega à província cearense o cólera-morbus. A doença põe em

cheque estes ainda recentes acordos sociais tanto no campo físico como espiritual, produzindo um problema na lógica de mundo que estava sendo gestada.

As matérias escritas no jornal *O Cearense* dão-nos, uma noção do processo da chegada da doença; permitem-nos ainda perceber o quanto levou os redatores do periódico a um frenesi diante das constantes perdas de vidas humanas.

A análise anterior a chegada da doença serve para entendermos o contexto político provincial e nacional. A doença que já eclodira em Pernambuco e na Paraíba, aqui os jornais mostram tranquilidade. Sabiam da doença, mas não a conheciam a fundo e nem na própria pele. Por isso esta não lhes era importante diante da iminência de novas eleições, o que não é difícil de conceber, já que *O Cearense* era um jornal de difusão de ideários políticos e partidários: “propriedade de Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, é destinado a sustentar as idéias do partido liberal.”³

Tal sobriedade também aparece no Relatório do Presidente da Província Dr. Manoel Duarte de Azevedo, de 12 de fevereiro de 1862. A saúde pública só aparece na 5ª página, não existindo nenhum comentário sobre a doença. O cruzamento destas duas fontes nos leva a acreditar ser este um indicador de que a recém fundada vila se encontrava em bom estado sanitário.⁴ Mas o silêncio logo cessou. No dia 04 de Março se iniciam suaves críticas ao governo por não impedir a entrada de navios pernambucanos de pequeno e médio porte. Na mesma edição encontra-se uma carta de um médico pernambucano afirmando que lá o cólera era “benigno”.

As edições seguintes já são marcadas por uma enxurrada de comentários e boatos sobre a doença. O Dr. Theberge e o Pe. Manoel Francisco da Frota, respondem as questões com as afirmativas “desfaz-se completamente boatos de *cholera-morbus* naquela comarca”⁵ e de que “graças a Deus reina a saúde”. A resposta do Padre aliada à do dr. Theberge mostram a proximidade entre a religião e a ciência médica. Ao serem expostos de forma conjunta, esses saberes se afirmam mutuamente. E nesse caso, juntas, as afirmativas se mostraram falsas, pois logo a sorte das notícias muda e não se poderia mais negar a chegada da doença no estado do Ceará. No dia 08 de Abril tem-se a triste notícia: confirmada a entrada do

³ Nota de Cabeçalho presente em todas as edições do jornal *O Cearense*.

⁴ Relatório do Presidente de Província Dr. Manoel Antônio Duarte de Azevedo em 12 de fevereiro de 1862 . In sitio da Internet: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u2352/000001.html>

⁵ Jornal O Cearense de 18/03/1862.

colera-morbus na província, na localidade de Sousa, distante cerca de 12 ou 15 léguas da vila de Icó.⁶

Começa a saga da doença, que vai tomando, vida após vida, proporções aterradoras; que, junto às vidas, rouba o título de epidemia e recebe dos correspondentes do jornal a alcunha de o “anjo do extermínio”. Este não é o fim de uma espera, mas sim o início de um período de luto e dor, que vestirá milhares de casas com o negro fúnebre dos mortos.

A caminhada da doença até a vila de Maranguape mostra como a medicina possuía respostas evasivas e a fé muitas vezes não consolava, havendo muitos casos de fugas de párocos aterrorizados pelo medo, por outro lado, houveram aquele que se firmaram até o fim em sua missão. A vila de Maranguape também se mostra exemplar desta ambivalente situação religiosa. Quando o cólera-morbus chega à vila, encontra o padre Pedro de Alencar Rodvalho, até então, único pároco da freguesia; já idoso, envolvido com política, não só era próximo da ciência, como tinha filhos que exerciam a profissão de médico. Mas essa ligação, com o saber da cura, física e espiritual, não foi suficiente para lhe preservar a vida.⁷

Seu sucessor interino, padre Galindo, chega à cidade com novo ardor e coragem, mas, sem a pouca noção de saúde pública. Em tempo de epidemia, convoca o povo para ir à matriz suplicar a Deus que aplacasse a cólera do Céu, propiciando assim, o contágio e o desespero diante de tão moribunda cena: semimortos gemendo aos céus que lhe restituam a fresta de vida que persiste, e lutuosos chorando o túmulo de seus queridos. Vemos aqui que nem sempre os saberes cooperavam, os médicos buscavam impedir as aglomerações, em especial as de doentes, pois estas emanariam os miasmas⁸.

Fonte desta questão religiosa é Rodolfo Teófilo que, nestes anos, residia em Maranguape com seu pai e que sobre este período, escreve a obra literária *Violação*. Conta-nos que sua casa era na mesma praça da matriz, tendo, então, de ouvir constantemente as súplicas que “por si só mais aterradora do que a mais tenebrosa idéia dos castigos do inferno.” (TEÓFILO, Rodolfo. 1986) E deste som corria, tentando esconder-se, mas era muito próximo. Teve ele que suportá-lo enquanto durou a doença. Como se pode perceber, Pe. Galindo, homem prático, auxiliava pessoalmente no enterro dos defuntos que, pelo fim da epidemia, já não eram mais devidamente sepultos. Agia como rezava a cartilha romanizada: local de fiel é dentro da igreja.

⁶ Segundo o Barão de Studart : “Trouxe-a um forasteiro chegado do Rio do Peixe. Chamava-se José Leandro de Tavares, a 1ª vítima.” In: STUDART, Guilherme Barão de. *Climatologia epidemia e endemias do Ceará*. Edição Fac-similar. Fortaleza: Fundação Waldemar de Alcântara, 1997; págs. 53, 54.

⁷ O Cearense, 19 de Agosto de 1862.

⁸ Sobre a abordagem humoral de Hipocrates http://www.guia.heu.nom.br/teoria_dos_humores.htm

Ação pública não tem força no combate, o relatório Sr. Antônio Machado, Presidente da Província, que ficara no cargo apenas 82 dias⁹, mostra os efeitos do cólera-morbus, que produz medo e requer cuidados urgentes, perceptível na iminência do assunto: ocupa a segunda página, e é único assunto abordado. Formaram-se 06 comissões para a capital, com médicos e dietas, a limpeza de ruas e das feiras, a contratação de carregadores de mortos, além da liberação de 03 praças de comércio a fim de construir uma enfermaria para os carentes. Para o interior, foi destinada só 01 comissão médica que ficou sob os cuidados do dr. José Lourenço. A conta da primeira ação foi tão grande (21:347\$670rs.), que o chefe da província cearense pediu ajuda ao seu companheiro de Pernambuco: 08 médicos e dietas, pouco conseguiu, pois em número de médicos só conseguiu 02, estando um já em Icó e o outro esperando condução na capital pernambucana. No mesmo relatório do aparece uma das figuras mais complexas deste estudo: os carregadores de mortos. É por um deles que a doença chega ao Ceará. A obra *Violação*, de Rodolfo Teófilo, tem também um espaço importantíssimo reservado a estes homens. Para a atividade de carregadores de mortos eram designados, presos condenados a trabalhos perpétuos nas galés, que tem de escolher entre carregar os corpos marcados pelo beijo gélido da morte ou jogar sua sorte com a promessa de que, a fim, a liberdade lhes seria dada, ou continuar sua labuta inglória. Consta, que em doze chegaram à vila de Maranguape e que nenhum retornou vivo dela.¹⁰ A bebida alcoólica era-lhes companheira, entorpecia o corpo e adormecia a mente para tão arriscado ofício.

A partir de julho que cartas de maranguapenses e de comentadores aparecerão de forma mais visível em *O Cearense*. Relatam-se os esforços das autoridades locais no combate à doença. A doença atacava a escravos e a “nobres”, edição a edição publicam-se relatórios sobre o número de mortos, primeiro 400 mortos, depois 810. Os números continuam crescendo, até fazer com que a edição de 22 de julho é quase que totalmente dedicada a este fenômeno. Uma carta particular nos fala: “*O bom ar fortalece a todos, está próxima a vitória.(...) Victoria... Que triste e luctuosa será ella! – Dor, viuvez, orphandade, e lucto de 1700 pessoas chorando 2000 mortos.*”¹¹ Destaca-se os custos do socorro às vítimas, avaliados em mais de 40 contos. E faz uma crítica aos que não vêem a ação do Presidente da Província, ironicamente comentando que “E há quem diga que o governo abandonou aquela

⁹ Relatório de Presidente da Província do Sr. Antônio Machado, 05 de maio de 1862. In sitio da Internet: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u2353/000001.html>

¹⁰ Também relata este fenômeno o Barão de Studart quando afirma: “o panico produzido em Maranguape pela epidemia tocou a seu auge; muitas pessoas foram sepultadas vivas; o serviço dos enterramentos era feito por presos a quem se havia prometido o perdão das penas, que estavam cumprindo.” In: STUDART, Guilherme Barão de. *Climatologia epidemia e endemias do Ceará*. Edição Fac-similar. Fortaleza: Fundação Waldemar de Alcântara, 1997; pág 55

¹¹ Jornal O cearense, 22 de julho de 1862.

infeliz villa!”. É visível como na abordagem da doença existem tendências políticas. Nos embates entre os jornais - *Pedro II* (conservador) e *O Cearense*, e o também liberal *O Araripe* - os discursos tomam a seguinte tônica: para os liberais o governo era atuante e prestativo, já para os conservadores, adversários políticos do Presidente de Província, era moroso e corrupto.

As notícias que chegam da Comissão de Socorros de Maranguape mostram uma fresta de alegria pelo enfraquecimento da doença e um cenário de dor e luto, corpos e almas doloridas pelas chagas deixadas pelo cólera: “O vento sopra largo e rijo; a athmosphera é menos pesada, e o ar sensivelmente mais puro. (...) A villa é toda um hospital servido por coalescentes, cobertos de luto.”

Abrem-se aqui questões de matriz subjetiva que acompanham uma doença, pois além da dor física, os sobreviventes terão de lidar com a perda de entes queridos. Esta entrada permite observar a ligação religiosa dos cidadãos da nova cidade. O que representava a doença: era ela um castigo de Deus? Se o era, os que morreram foram castigados pelos erros alheios, ou devem ser lembrados como pecadores devidamente punidos? Pensemos também nas conseqüências econômicas. Enquanto a luta contra o anjo do extermínio era travada, as lavouras e comércios ficavam abandonados. A doença chegara à província cearense em um período de prosperidade econômica e de desenvolvimento social, estaria este crescimento tão consolidado a ponto de não ser afetado pelos estragos desta epidemia? Fica-nos latente busca de ver como agiu o poder público diante deste problema econômico. E os saberes religioso e médico, o que diziam sobre as formas de combate e prevenção da doença, tendo-se em vista que esta veio em uma paulatina caminhada desde o Oriente até a província cearense. Cooperaram ou digladiaram entre si em busca de afirmação? Como os indivíduos lidam com um mal que rouba a vida em poucos momentos e para o qual a ciência médica, que se dizia dona do real poder de cura, não tem respostas concludentes? Como lidar com a explicação religiosa, que por manobras políticas afastara o antigo padroeiro que protegia da morte repentina e do mal contagioso?

Bibliografia

- CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DE CERTEAU, Michel. A Invenção do Cotidiano 2. Petrópolis, SP: Vozes, 1996.
- DELUMEAU, Jean. História do medo no Ocidente: 1300 – 1800, uma cidade sitiada. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras. 1989. 2ª reimpressão.

- FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e História Social: Historiografia e Pesquisa. In: Projeto História No 10. SP: EDUC, 1993.
- GADELHA, Georgina da Silva. As Doenças no Ceará: salubridade, higiene e teorias epidêmicas no século XIX. In: Ceará: Ciência, Saúde & Tecnologia (1850-1950). Almir Leal de Oliveira, Ivone Cordeiro e Georgina Gadelha da Silva (Organizadores). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2008.
- GINZBURG, Carlo. A Micro-História e Outros ensaios. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.
- JOFFRE M. de Rezende. Linguagem Médica, 3a. ed. AB Editora e Distribuidora de Livros Ltda. 1988.
- LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre (org.). História: Novos objetos. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1995.
- NETO, Amâncio Cardoso dos Santos. Sob o signo da peste: Sergipe no tempo do cholera” (1855-1856). Pós-Graduação em História. Unicamp. 2001
- NETO, Lira. O poder e a peste.: vida e obra de Rodolfo Teófilo. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1999.
- OLIVEIRA, Carla Silvino. Cidade (in)salubre: idéias e práticas médicas em Fortaleza (1838 -1853), Pós-Graduação em História Social UFC. 2007.
- SAMPAIO, Gabriela dos Reis. Nas Trincheiras da Cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial. Campinas, SP: Editora Unicamp, Cecult, Ifch, 2001.
- SILVA, Gláubia Cristiane Arruda. O tremor dos Sertões: Experiências de epidemia de Malária no Baixo Jaguaribe-CE (1937-1940). Pós-Graduação em História Social UFC. Fortaleza – 2007.
- SOUSA, *Simone de*. História do Ceará. 4ª edição. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha. 1995.
- SOUTO MAIOR, Mário, Folclore Etc. & Tal/; Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1995.
- WITTER, Nikelen Acosta. Curar como arte e ofício: contribuições para um debate historiográfico sobre saúde, doença e cura. Revista Tempo Vol. 10 Nº 19 Niterói Jul./Dec. 2005.